

Os Documentos do Concílio Vaticano II

I. Constituição dogmática Dei Verbum. 1. Deus fala aos homens como amigos

O Papa Leão XIV apresenta a Constituição Dogmática Dei Verbum, "um dos mais belos e importantes documentos do Concílio", centrada na Palavra de Deus. Com Jesus, "o diálogo que havia sido interrompido é definitivamente restaurado".

14/01/2026

Prezados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Demos início ao ciclo de catequeses sobre o Concílio Vaticano II. Hoje começamos a aprofundar a Constituição dogmática Dei Verbum, sobre a Revelação divina. Trata-se de um dos documentos mais bonitos e importantes da assembleia conciliar e, para nos introduzir, pode ser útil recordar as palavras de Jesus: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai" (*Jo 15, 15*). Este é um ponto fundamental da fé cristã, que a Dei Verbum nos recorda: Jesus Cristo transforma radicalmente a relação do homem com Deus, que doravante será uma relação de amizade. Por

isso, a única condição da nova aliança é o amor.

Comentando esta passagem do quarto Evangelho, Santo Agostinho insiste sobre a perspectiva da graça, a única que nos pode tornar amigos de Deus no seu Filho (*Comentário ao Evangelho de João, Homilia 86*). Com efeito, um antigo provérbio dizia: “*Amicitia aut pares invenit, aut facit*”, “A amizade nasce entre iguais, ou torna-os iguais”. Não somos iguais a Deus, mas é o próprio Deus que nos torna semelhantes a Ele no seu Filho.

Por isso, como podemos ver em toda a Escritura, na Aliança há um primeiro momento de distância, pois o pacto entre Deus e o homem permanece sempre assimétrico: Deus é Deus e nós somos criaturas; mas, com a vinda do Filho na carne humana, a Aliança abre-se ao seu fim último: em Jesus, Deus torna-nos filhos e chama-nos a tornar-nos

semelhantes a Ele na nossa frágil humanidade. Assim, a nossa semelhança com Deus não se alcança através da transgressão e do pecado, como sugere a serpente a Eva (cf. *Gn* 3, 5), mas na relação com o Filho que se fez homem.

As palavras do Senhor Jesus que recordamos – “chamei-vos amigos” – são retomadas precisamente na Constituição *Dei Verbum*, que afirma: “Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. *Cl* 1, 15; *1 Tm* 1, 17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos (cf. *Ex* 33, 11; *Jo* 15, 14-15) e convive com eles (cf. *Br* 3, 38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele” (n. 2). O Deus do *Gênesis* já se relacionava com os progenitores, dialogando com eles (cf. *Dei Verbum*, 3); e quando, através do pecado, este diálogo se interrompe, o Criador não se cansa de procurar o encontro com as suas criaturas e de estabelecer, de tempos

em tempos, uma Aliança com elas. Na Revelação cristã, ou seja, quando Deus, para vir à nossa procura, se faz carne no seu Filho, o diálogo que se tinha interrompido é restabelecido de maneira definitiva: a Aliança é nova e eterna, nada pode separar-nos do seu amor. Portanto, a Revelação de Deus tem o caráter dialógico da amizade e, como acontece na experiência da amizade humana, não suporta o mutismo, mas alimenta-se do intercâmbio de palavras verdadeiras.

A Constituição *Dei Verbum* recorda-nos também isto: Deus fala conosco. É importante compreender a diferença entre a palavra e a tagarelice: esta última limita-se à superfície, não realiza uma comunhão entre as pessoas, enquanto nas relações autênticas, a palavra não serve apenas para trocar informações e notícias, mas para revelar quem somos. A palavra

possui uma dimensão reveladora que cria uma relação com o outro. Assim, quando falar conosco, Deus revela-se como Aliado que nos convida à amizade com Ele.

Nesta perspectiva, a primeira atitude a cultivar é a escuta, para que a Palavra divina possa penetrar nas nossas mentes e corações; ao mesmo tempo, somos chamados a falar com Deus, não para lhe comunicar o que Ele já sabe, mas para nos revelarmos a nós mesmos.

Daí a necessidade da oração, na qual somos chamados a viver e cultivar a amizade com o Senhor. Isto realiza-se, em primeiro lugar, na oração litúrgica e comunitária, onde não somos nós que decidimos o que ouvir da Palavra de Deus, mas é Ele mesmo que nos fala por intermédio da Igreja; além disso, cumpre-se na prece pessoal, que acontece na intimidade do coração e da mente.

No dia e na semana do cristão não pode faltar o tempo dedicado à oração, à meditação e à reflexão. Só quando falamos *com* Deus podemos também falar *de* Deus.

Nossa experiência nos mostra que as amizades podem terminar devido a algum gesto clamoroso de ruptura ou por causa de uma série de desatenções diárias que desgastam o relacionamento a ponto de perdê-lo. Se Jesus nos chama para sermos amigos, procuremos não deixar esse apelo sem resposta. Acolhamos o convite, cuidemos dessa relação e descobriremos que nossa salvação consiste precisamente na amizade com Deus

constituicao-dogmatica-dei-verbum-1-
deus-fala-aos-homens-como-amigos/
(16/01/2026)